

JOSÉ CARDOSO PIRES

FALA-NOS DA SUA EXPERIÊNCIA DE ENSINO EM LONDRES

A moderna fachada do King's College ergue-se à saída do Strand, a dois passos da austera e movimentada City da banca internacional. Para trás, na mesma avenida, fica o velho Charing Cross Hotel onde Eça de Queirós situou um dos seus contos mais célebres e logo adiante o Tamisa. O Tamisa com todos os ornamentos convencionais do Inverno — águas pardas e densas, tráfego, pontes, a «Union Jack» a tremular sobre a Torre de Londres...

É precisamente sobre o rio que se debruça a parte velha do King's College que se sucede à fachada de vidro e aço do Strand. Um pátio largo ao estilo vitoriano, galerias e memoriais, a clássica penumbra dos «colleges» ingleses tal como nos foi descrita por Losey no filme *O Acidente*.

Nesta antiga e modernizada Faculdade, onde o prof. Fleming procedeu à descoberta da penicilina, leccionam hoje individualidades de renome internacional como o matemático Bondi e o Prémio Nobel prof. Wilkins, o inventor do código genético, que tanta perturbação

(Continua na 11.ª pág.)



JOSÉ CARDOSO PIRES EM LONDRES («... saber o que se passa agora no País e no Mundo»)

QUINTA-FEIRA à tarde

JOSÉ CARDOSO PIRES

(Continuação da 1.ª pág.)

levantou nos Estados-
-Unidos e na União So-
viética. Nas letras por-
tuguesas também o
King's College tem o seu
nome ligado a investi-
gadores de primeiro
plano, desde Edgar
Prestage e Charles
Boxer ao «Camoens
Professor» Stephen Re-
ckert, actual catedrático
dos estudos luso-
-brasileiros. É nesse

departamento da Uni-
versidade de Londres
que José Cardoso Pires
ocupa há mais de um
ano o lugar de «lectu-
rer» de literatura por-
tuguesa e brasileira —
experiência que sem
dúvida assume um sig-
nificado importante na
vida do escritor pela
novidade das estrutu-
ras em que se insere.

— Numa entrevista da-
da há meses em Lisboa,
Mário Vargas Llosa causou
forte impressão ao falar
das condições de ensino
na Universidade britânica.
Considera-as excepcionais
por se tratar de um escri-
tor que ocupa um cargo
de «lecturer» ou corres-
pondem a uma prática
comum?

— Vargas Llosa tinha aqui,
no King's, um horário de 4 ho-
ras semanais, salvo erro, com
turmas-limite de 30 alunos. Es-
ses números são perfeitamente
normais, mas não esqueça que
é mais difícil trabalhar com 30
alunos do que com 300. Mais
difícil e mais agradável.

O estudante inglês

— Nas relações de ensi-
no parece-lhe que o estu-
dante inglês é particular-
mente exigente?

— Para já, a mentalidade es-
colar é diferente da nossa. Na
Inglaterra o estudante é, digamos
assim, um profissional como
o professor. Ou tudo se encami-
nha para que o seja, pelo me-
nos. Um profissional que pro-
duz o trabalho de aprender e
que mobiliza grandes verbas do
Estado e das indústrias priva-
das. É um cidadão adulto, res-
ponsável. Mesmo jovem e casa-
do dispõe nalguns blocos uni-
versitários de instalações adequa-
das, com serviços de maternida-
de, creche, parque infantil, etc.

— Não obstante, os pe-
dagogos britânicos têm le-
vantado fortes críticas ao
sistema de ensino...

— Claro. O sistema dos «col-
leges» já vem da Idade Média,
mas tem-se actualizado por re-
formas e por inquéritos siste-
máticos que umas vezes se fa-
zem ao nível dos «colleges»,
outras vezes ao nível da Associa-
tion of University Teachers.
Agora mesmo está a rever-se
a estrutura das Universidades
tecnológicas. Como primeiro re-
sultado parece que os chama-
dos «sandwich courses», tão
enaltecidos pelos mentores da
sociedade de consumo, não de-
aram o aproveitamento esperado.
Mas à parte isso, todas as Uni-
versidades tecnológicas, que são

onze, nem menos, foram atin-
gidas por fortes críticas.

— Fala-se frequente-
mente da rebeldia do es-
tudante inglês em relação
aos padrões oficiais. Con-
sidera essa ideia exagera-
da?

— A minha experiência no
ensino é breve. Não permite
interpretações muito definidas.
Em todo o caso repare que o
estudante daqui vive num país
de cultura dinâmica. Que con-
tacta com os mass media mais
evluído do Mundo e que é so-
licitado diariamente à respon-
sabilização cívica. Desde os ban-
cos da escola que o professor
fala com ele sobre os «current
affairs», que são uma disciplina
como qualquer outra, «Current
affairs»... saber o que se passa
agora no país e no Mundo, à
margem dos assuntos do pro-
grama. Isso habitua a uma in-
tervenção, a uma prática de in-
dependência, não é?

— Esse espírito interven-
cionista manifesta-se no
processo normal do ensi-
no?

— Em certa medida, sim.
Mas sobretudo o que permite
é dinamizar as relações profes-
sor-aluno. Desenvolve nele uma
independência que conduz a
um conhecimento interpretati-
vo e não repetitivo. Nas pro-
vas de literatura, por exemplo,
o aluno é chamado a expor as
suas opiniões sobre a matéria e
não as de qualquer sebeta uni-
versal. Para ele o magister
dixit torna-se incompreensível
como informação axiomática
que é.

Escritores portugueses mais lidos

— Quais os autores por-
tugueses que têm tido
maior acolhimento nos seus
cursos?

— Os contemporâneos. Des-
de Rodrigues Miguéis a Virgílio
Martinho. Desde Carlos de Oli-
veira a Gomes Ferreira, a Ne-
mésio ou a Manuel Ferreira.
Um Eça e um Camilo também,
Aquilino menos. Mesmo certos
escritores menos acessíveis, mas
de agora, Abelaira, Mário Dio-
nísio, Virgílio Ferreira, absor-
vem facilmente as atenções de
um curso.

— Porque?

— Porque, para além dos
clássicos e da História da Cul-
tura, o que está imediatamente
em causa para o estrangeiro in-
teressado na abordagem de um
país é a paisagem de agora e
a língua que agora se fala nele.
Pelo que observei, encontro nos
ingleses que estudam português
um conhecimento muito maior
da nossa literatura mais recen-
te do que o da generalidade
dos seus colegas de Lisboa ou
de Coimbra. De resto, basta con-

frontar os programas. E senão
veja: quantas teses se fizeram
em Portugal sobre poetas e ro-
manicistas vivos? Raras, raríssimas.
Pois bem, aqui — e não
apenas em Londres —, na In-
glaterra, no Brasil e nos Estados-
-Unidos esses trabalhos são fre-
quentíssimos. E não só porque
esses autores não estão ausen-
tes dos programas por quais
cauteladas de segregação, como
porque os alunos dispõem de
independência de escolha. Co-
nheço casos de bons estudan-
tes ingleses que regressam de
Portugal desencorajados com o
«historicismo» e a erudição com
que foram sobrecarregados.

— Ao nível da vida li-
terária inglesa qual o co-
nhecimento que há dos
nossos autores?

— Tanto quanto sei, nenhum.

— A recente publica-
ção das «Cartas de Ingle-
terra» justifica que se per-
gunte sobre o prestígio de
Eça de Queirós nos meios
ingleses.

— Eça foi o único português
que obteve aqui êxito de venda.
Está em livro de bolso, pen-
trou num público vasto. Nos
chamados meios literários, duvi-
do. Escritores e ensaístas de re-
nome, desconhecem-no total-
mente.

— Na sua opinião qua-
is as principais dificuldades
no contacto com a litera-
tura portuguesa?

— Dificuldades de prestígio
e de promoção cultural. Em
princípio, quando se lê o ro-
manço de tal ou tal país é por-
que se está interessado em sa-
ber o que lá se passa. É o caso
da súbita voga de Cortazar, de
Guimarães Rosa ou de Garcia
Marquez. Os leitores europeus
desejam abordar uma América
Latina que internacionalmente
existe. Mas este é um lado da
questão. O outro é a língua
que, no nosso caso, se está a
«consonantizar» (como o árabe)
dia a dia e que se empo-
breceu à força de espartilhos
académicos e de condiciona-
mentos de toda a ordem. Sei
que o prof. Lindley Cintra e
o Instituto para a Alta Cultura
estão agora a procurar enfren-
tar o problema. Mas a verdade
é que para o estudante estran-
geiro ela é um instrumento difi-
cíl.

**NAMORA?
vai CASAR?**

**PREFIRA AS ALIANÇAS
E ANÉIS DE NOIVADO
DA OURIVESARIA**

**BARATEIRO
DE S. DOMINGOS**

Rua Barros Queirós, 56